

Consumo puxa o mercado

Ações do setor tiram proveito da recuperação da economia e se destacam na Bovespa durante o ano passado junto com as small caps

Os fundos de renda variável que mais se destacaram em 2017 se beneficiaram principalmente da alta das ações ligadas ao consumo, diante da melhora da economia após dois anos de recessão, e de medidas do governo como a liberação do FGTS. Além disso, fundos de small caps também tiveram bom desempenho no período já que as ações de empresas de menor capitalização geralmente apresentam performance superior à média de mercado em momentos de retomada da atividade econômica.

Camilo Cavalcanti, gerente nacional de fundos de renda variável da Caixa, lembra que no início de 2017 os especialistas do banco já tinham uma visão de que no decorrer do ano haveria uma recuperação



Divulgação

CAVALCANTI: *under em JBS e BRF*

Ações

Classificação	Fundos
Excelentes (verdes)	70
Adequados (amarelos)	73
Insuficientes (pretos)	60
Total analisado	203

da economia do país puxada pelo ciclo de corte nos juros combinada com uma desinflação significativa.

Em função dessa leitura os gestores da Caixa entenderam que as empresas do setor de varejo estariam entre as grandes beneficiárias do ambiente econômico previsto, e foram ativos que tiveram de fato peso relevante no portfólio e nos resultados dos dois fundos do banco, de consumo e small caps, selecionados pelo levantamento. Via Varejo, Lojas Renner e Lojas Americanas foram alguns dos nomes do segmento que trouxeram ganhos relevantes para os fundos da Caixa em 2017.

Com a volta do consumo no país durante o ano passado, o fundo do banco voltado para o segmento teve também posições em educação, por meio da Ser Educacional, e nas empresas de papel e celulose Suzano e Fibria, que permitem uma exposição ao mercado externo.

Cavalcanti destaca ainda que no começo do ano passado outra aposta do banco era na retomada dos investimentos e do setor industrial, o que o levou a adotar uma posição na empresa de implementos rodoviários Randon no fundo de small caps. “Embora os investimentos não tenham voltado como imaginávamos, com o consumo tendo um papel mais importante na retomada, especialmente após a liberação do FGTS, as ações da Randon, por questões específicas da companhia, tiveram um desempenho muito bom em 2017”.

O desempenho do papel da Randon foi tão positivo que no terceiro trimestre de 2017 ele alcançou o ganho potencial esperado pelos gestores da Caixa para os próximos um a dois anos, permitindo desfazer a posição. No último trimestre do ano passado o papel passou por um forte movimento de realização por parte de investidores, caindo a patamares convidativos, o que fez com que o banco voltasse a se posicionar nele no início de 2018 mas em menor magnitude na comparação com 2017.

Cavalcanti ressalta ainda que o desempenho positivo dos fundos da Caixa foi influenciado também pelas posições adotadas em menor proporção na comparação com o benchmark Icon (Consumo) da bolsa em ações de empresas frigoríficas que enfrentaram problemas como JBS e BRF. “Não zeramos as posições nesse papéis em nenhum momento, mas ficamos com uma posição ‘under’ em alguns períodos”.

RETORNO – Sobre o fundo de small caps da BNP Paribas Asset selecionado pelo levantamento, o gestor responsável, Marcos Kawakami, lembra que por 2017 ter sido um ano de retomada da economia, que costuma favorecer ações de empresas de menor capitalização, foi difícil superar o benchmark da bolsa. No ano passado o índice de small caps da B3 subiu 49,3%, enquanto o fundo da gestora reportou ganhos de 44,9%.

A volta do crescimento observada no ano passado fez com que a carteira do fundo de small caps da BNP Paribas Asset tivesse exposição relevante em ações de consumo, como Via Varejo e Arezzo, e também em papéis do setor industrial que registrou uma melhora importante na venda de veículos, como Tupy e Iochpe-Maxion, destaca o gestor.

Kawakami fala que a casa tem optado por uma estratégia mais pulverizada em seu fundo de small caps, considerando os resgates importantes por parte dos investidores que o segmento registrou nos últimos anos e o prazo de resgate relativamente curto D+8. “Por conta desses fatores decidimos implementar um mix de ativos tanto com small caps como com mid caps”, diz o profissional da asset, que ressalta que o fundo segue os critérios da Anbima para fundos small caps, que impedem exposição às dez maiores ações do IbX.

No final de 2017, com a expectativa de aumento da volatilidade com a aproximação do processo eleitoral, o gestor da BNP Paribas Asset alterou a carteira do fundo, deixando-o mais conservador, com maior presença de ações de empresas exportadoras, que têm menor correlação com o restante dos ativos no portfólio. “Ao menos por enquanto a estratégia não foi a mais acertada já que a bolsa continuou subindo muito forte em dezembro

e janeiro, o que fez nosso fundo ficar um pouco para trás em relação ao benchmark”, admite Kawakami.

Em relação ao outro fundo de renda variável da casa selecionado, o Access USA, o gestor responsável, Tiago César, explica que se trata de um produto que não faz o hedge do câmbio e que tem como foco grandes corporações americanas que apresentam potencial de crescimento.

“O ano de 2017 foi muito favorável para ativos de risco por conta das taxas de juros ainda baixas no mundo e com sinais de recuperação econômica nos países desenvolvidos”, destaca César, acrescentando que algumas iniciativas do governo americano de Donald Trump, como a reforma tributária, devem ter impacto positivo para o crescimento da região, com possíveis reflexos também no mercado de capitais.

Entre as ações que deram contribuição relevante para o fundo no ano passado, o especialista aponta Apple, Bristol-Myers,



Requet Diniz

LOVISOTTO: smart beta por fatores

Excelentes soluções de investimentos e produtos diversificados

Foco personalizado para que você seja atendido de acordo com o seu perfil de risco e objetivos de retorno.



GGR PRIME | FIDC - GGR IMA B5
GGR FI DI - GGR RENDA FI IMOBILIÁRIO
ALOCAÇÕES EM FUNDOS DE TERCEIROS | FUNDOS EXCLUSIVOS



(11) 4369.6100
comercial@grupoggr.com | www.grupoggr.com



Os melhores na ações

Gestor	Verdes	Amarelos	Preto	Total
BRAM - Bradesco AM	12	14	3	29
Itaú	6	6	6	18
BB DTVM	5	5	8	18
BTG Pactual	4	0	0	4
Santander	3	4	4	11
Vinci	3	2	1	6
Caixa	2	4	2	8
BlackRock	2	4	0	6
BNP Paribas	2	1	3	6
Equitas	2	0	0	2
J Malucelli	2	0	0	2
Oceana	2	0	0	2
Set	2	0	0	2
Schroder	1	3	0	4
J Safra	1	2	4	7
ARX	1	2	0	3
Banrisul	1	1	2	4
GAP	1	1	0	2
XP	1	1	0	2
FAR - Fator Adm Rec	1	0	1	2
Icatu Vanguarda	1	0	1	2
SulAmérica	1	0	1	2
AF Invest	1	0	0	1
Bresser	1	0	0	1
Constância NP	1	0	0	1
Constellation	1	0	0	1
Fama	1	0	0	1
Franklin Templeton	1	0	0	1
Indie	1	0	0	1
Jardim Botânico	1	0	0	1
Lacan	1	0	0	1
Mint	1	0	0	1
NCH	1	0	0	1
Neo	1	0	0	1

Gestor	Verdes	Amarelos	Preto	Total
Safari	1	0	0	1
SPX	1	0	0	1
Western	0	3	3	6
Bogari	0	2	0	2
AZ Quest	0	1	1	2
Bahia	0	1	1	2
Claritas	0	1	1	2
DLM Invista	0	1	1	2
Apex	0	1	0	1
Atmos	0	1	0	1
Bozano	0	1	0	1
Daycoval	0	1	0	1
Edge	0	1	0	1
Ibiuna	0	1	0	1
JP Morgan	0	1	0	1
Kondor	0	1	0	1
Pacífico	0	1	0	1
Perfin	0	1	0	1
Porto Seguro	0	1	0	1
Quantitas	0	1	0	1
Rio Bravo	0	1	0	1
Solis	0	1	0	1
GF	0	0	4	4
Brasil Plural	0	0	2	2
Guepardo	0	0	2	2
Canepa	0	0	1	1
JGP	0	0	1	1
Mirae	0	0	1	1
Opportunity	0	0	1	1
Queluz	0	0	1	1
Rio Gestão	0	0	1	1
Saga	0	0	1	1
STK	0	0	1	1
Verde	0	0	1	1

Whole Foods, ServiceNow, Boston Scientific e Vertex Pharmaceuticals. Na divisão setorial, consumo, tecnologia e saúde foram os mais importantes para a rentabilidade do fundo em 2017. “Todos esses setores têm em comum o fato de se beneficiarem da dinâmica interna de crescimento dos Estados Unidos por serem mais ligados à atividade local, sem grandes operações de exportação”.

SMART BETA – O Fatorial Dinâmico, um dos fundos de ações da Vinci Partners

selecionado pelo levantamento, segue o conceito do ‘smart beta’. O sócio da Vinci, Fernando Lovisotto, explica que o produto é norteado por três fatores principais – qualidade, valor e momento. Cada um dos fatores tem um peso dentro da carteira que varia ao longo do tempo a depender do cenário à frente vislumbrado pelos gestores.

Se encaixam no fator valor empresas com múltiplos sub precificados pelo mercado em função do potencial que os especialistas da Vinci enxergam para o

ativo; no fator qualidade entram empresas que apresentam receitas e lucros mais estáveis, sem grandes oscilações entre os períodos; e no fator momento estão companhias que mais se beneficiam do atual momento econômico. O sócio da Vinci prefere não citar as posições específicas que agregaram retorno ao fundo em 2017.

“Os três fatores sempre vão estar presentes, mas com pesos diferentes dependendo do cenário. Se estivermos em um mercado em forte alta, provavelmente valor e momento terão mais peso”, pondera Lovisotto; de fato foram esses os dois fatores que mais espaço tiveram na carteira do fundo no ano passado, quando o Ibovespa registou uma forte valorização.

Outro fundo de renda variável da Vinci com destaque no ranking, o Selection Equities é um fundo de fundos que aloca em outros gestores do mercado, mas que também pode ter exposição aos fundos da própria Vinci. Para balizar as estratégias a serem incorporadas pelo fundo, os gestores da Vinci fazem a leitura do cenário macro e buscam identificar quais fazem mais sentido para o atual momento. “Com o ambiente do ano passado de valorização das commodities, recuperação da economia e juros nas mínimas históricas, privilegiamos no período estratégias de beta alto, e também as que compram fundos de small caps”, diz Lovisotto.

Como a mudança dos gestores que estão no fundo de fundos é bastante dinâmica, o executivo da gestora de recursos prefere não citar os fundos que mais trouxeram retorno para o Selection Equities em 2017. O sócio da Vinci diz ainda que o fundo de fundos também se utiliza do mercado de opções para criar algumas posições de proteção a fim de reduzir sua volatilidade e mitigar o risco em cenários de maior estresse dos agentes. “Por conta das proteções que fazemos o nível de volatilidade do fundo é um dos menores do mercado. Desde o início do fundo, em novembro de 2012, a volatilidade média dele foi de 11%, enquanto a do Ibovespa no período ficou em 22%”, aponta o especialista.